

A GEOGRAFIA TRADICIONAL E O POSITIVISMO

META

Discutir a relação entre a Geografia tradicional e o Positivismo

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
compreender a relação entre a Geografia tradicional e o Positivismo

PRÉ-REQUISITOS

Considerando a complexidade do tema, já abordado por diversos autores e considerando ainda, que este texto foi pensado e escrito sob a ótica dos autores mencionados na bibliografia, é recomendável que você faça a leitura da bibliografia indicada no final dessa aula, o que facilitará a sua compreensão, ao tempo em que suprirá as possíveis lacunas do texto.



Paisagem e costumes africanos
(Fonte: <http://ipt.olhares.com>).

INTRODUÇÃO

Muitos autores afirmam que foi somente no século XIX, que a Geografia começou a ter o *status* de conhecimento organizado. Com o advento do Positivismo, concepção filosófica e metodológica, Geografia deixou a sua idade clássica e entrou na era moderna, assumindo um novo discurso, que exigiu um saber sistematizado e ainda com a possibilidade de afirmar proposições, nos limites de uma linguagem lógica. Na verdade, podemos afirmar que foi através do Positivismo que a ciência retomou alguns aspectos defendidos no projeto iluminista. Sob essa ótica, os geógrafos ergueram os pilares das correntes do pensamento geográfico identificadas como Geografia tradicional que são: o determinismo geográfico, o possibilismo e o método regional.



Paul Vidal de La Blache mostrou que é preciso comparar o fato ou área estudada com outros fatos ou áreas da superfície terrestre, em busca de semelhanças e diferenças.

(Fonte: oguiageografico.wordpress.com).

A GEOGRAFIA TRADICIONAL E O POSITIVISMO

O período chamado de tradicional na Geografia, estende-se de 1870, aproximadamente, quando essa disciplina se tornou uma disciplina institucionalizada nas universidades europeias, até a década de 1950, quando se verificou a denominada revolução teórico-quantitativa.

Na perspectiva tradicional, a Geografia sofreu forte influência das obras de Alexandre Von Humboldt e de Karl Ritter. As contribuições e as ideias apresentadas por aqueles geógrafos tiveram grande repercussão, incidindo no desenvolvimento dessa ciência na primeira metade do Século XX. Se na Alemanha, os trabalhos mais significativos são os de Alfred Hettner; na França os trabalhos mais relevantes são os de Paul Vidal de La Blache.

Vejamos sob a visão de Moraes (1985), como o Positivismo tornou-se o fundamento básico da Geografia Tradicional e ainda, quais são os sinais que vinculam a Geografia àquela corrente de pensamento:

- A primeira manifestação da filiação da Geografia ao Positivismo está na redução da realidade ao mundo dos sentidos, ou seja, os estudos dos fenômenos devem se restringir aos aspectos visíveis, mensuráveis, palpáveis. A partir desse entendimento, a Geografia é considerada uma ciência empírica, pautada na observação, que é a única forma possível de se obter o conhecimento. No que se refere aos procedimentos de análise (descrição, enumeração, classificação e comparação, chega-se a conclusões gerais e ao descobrimento das leis) a indução é posta como a única via para se chegar à explicação científica. Seguindo esse raciocínio, chamo a atenção para o entendimento de Moraes, que diz:

[...] a descrição, a enumeração e classificação dos fatos referentes ao espaço são momentos de sua apreensão, mas a Geografia Tradicional se limitou a eles; como se eles cumprissem toda a tarefa de um trabalho científico. E, desta forma, comprometeu estes próprios procedimentos, ora fazendo relações entre elementos de qualidade distinta, ora ignorando mediações e grandezas entre processos, ora formulando juízos genéricos apressados. E sempre concluindo com a elaboração de tipos formais, a-históricos, e, enquanto tais, abstratos (sem correspondência com os fatos concretos). Assim, a unidade do pensamento geográfico tradicional adviria do fundamento comum tomado ao Positivismo, manifesto numa postura geral, profundamente empirista e naturalista (MORAES, 1986, p. 22).

- A segunda manifestação da filiação positivista é a ideia da existência de um único método de interpretação, comum a todas as ciências. Tal método seria originário das ciências naturais, que se converteriam em modelo

de cientificidade, e deveriam orientar as demais ciências. Como vimos na aula anterior, a base essencial desse método foi anunciada por Augusto Comte: o raciocínio indutivo, que parte da observação, mediante classificação e comparação, pelos quais se chega à conclusão e ao descobrimento de leis.

Nessa concepção, a naturalização dos fenômenos humanos, se expressa na seguinte afirmação: “A Geografia é uma ciência de contato entre o domínio da natureza e o da humanidade”, noção que permeia todo o pensamento Geográfico Tradicional.

Com efeito, o homem aparece como um elemento da paisagem, na Geografia Tradicional, ou seja, como um dado do lugar, como mais um fenômeno da superfície da Terra. Na verdade, a Geografia sempre procurou ser uma ciência natural dos fenômenos humanos, fato que:

[...] se expressa, por exemplo, na colocação de J. Brunhes de que, para a Geografia, a casa (como elemento fixo da paisagem) tem maior importância do que o morador. Ou, na afirmação de C. Vallaux, de que o homem importa, para a análise geográfica, por ser um agente de modelagem do relevo, por sua ação como força de erosão. Tal perspectiva naturalizante aparece com clareza no fato de buscar esta disciplina a compreensão do relacionamento entre o homem e a natureza, sem se preocupar com a relação entre os homens. Desta forma, o especificamente humano, representado nas relações sociais, fica fora do seu âmbito de estudos (MORAES, 1985, p. 23).

Assim, a unidade do pensamento geográfico tradicional está calcada no Positivismo, manifesto numa postura geral, profundamente empirista e naturalista.

A terceira manifestação do Positivismo na Geografia está presente na premissa de que a Geografia é uma ciência de síntese. Esta premissa alimenta-se da ideia de classificação e hierarquização das ciências e sendo assim, a Geografia se tornaria o auge do conhecimento científico, isto é, como a disciplina se relacionaria e ordenaria os conhecimentos, produzidos por todas as demais ciências. Seria uma especificidade da análise geográfica trabalhar com o conjunto de fenômenos que compõem o real, num leque que abrangeria, desde aqueles tratados pela Física, até os do domínio da Economia ou da Antropologia. Assim, tudo entraria na análise geográfica, que desta forma, tenderia a ser exaustiva em termos dos elementos a serem estudados. Tudo aquilo que interfere na vida da superfície da terra seria passível de integrar o estudo. Moraes reforçou esse entendimento, ao afirmar que:

Para se ter uma ideia de quão abrangente pode ser esta concepção, basta lembrar a afirmação de Humboldt de que os homens se

relacionam com os fenômenos celestes através da luz e da gravitação. Esta concepção atribui à Geografia um caráter anti-sistemático, que a distinguiria das demais ciências, sendo por excelência um conhecimento sintético, que unificaria os estudos sistemáticos efetuados pelas demais ciências (MORAES, 1985, p. 24).

Ainda seguindo raciocínio daquele autor, na verdade, a ideia de “ciência de síntese” serviu para encobrir a vaguidade e a indefinição do objeto. Tal ideia, que postulava um conhecimento excepcional, desvinculava tal ciência de uma exigência do próprio Positivismo a definição precisa do objeto de estudo.

Vale acrescentar que o pensamento geográfico também se sustentou à custa de alguns princípios elaborados no processo de constituição dessa disciplina, e tidos como inquestionáveis. Estes princípios, formulados a partir da pesquisa de campo, seriam conhecimentos definitivos sobre o universo de análise, que o geógrafo não poderia deixar de lado em seus estudos. Funcionavam como regras de procedimento, fornecendo unidade para a Geografia, são eles:

- Princípio da unidade terrestre - a Terra é um todo, que só pode ser compreendido numa visão de conjunto.
- Princípio da individualidade - cada lugar tem uma feição, que lhe é própria e que não se reproduz de modo igual em outro lugar.
- Princípio da atividade - tudo na natureza está em constante dinamismo.
- Princípio da conexão - todos os elementos da superfície terrestre e todos os lugares se inter-relacionam.
- Princípio da comparação - a diversidade dos lugares só pode ser apreendida pela contraposição das individualidades.
- Princípio da extensão - todo fenômeno manifesta-se numa porção variável do planeta.
- Princípio da localização - a manifestação de todo fenômeno é passível de ser delimitada.

Esses princípios atuaram como um receituário de pesquisa, definindo regras gerais, no trato com o objeto, que não podiam ser negligenciados. De certo modo, definiam os traços e a validade de um estudo aceito como de Geografia. Deve-se ressaltar ainda, que a ideia de princípio é bastante cara ao pensamento positivista, reafirmando o juízo de que essa ciência deve a sua unidade ao Positivismo. Vale ressaltar que a adoção de tais princípios restringiu a verdadeira discussão metodológica permitindo que posicionamentos metodológicos antagônicos convivessem em aparente unidade. Acrescento ainda que a Geografia Tradicional privilegiou diversos conceitos como: paisagem e região e em torno deles, estabeleceu-se a discussão sobre o objeto da Geografia e a sua identidade no âmbito das demais ciências. Desse modo, os debates incluíam os concei-

tos de paisagem, região natural e região-paisagem, assim como os de paisagem cultural, gênero de vida e diferenciação de áreas. Envolviam geógrafos vinculados ao Positivismo e ao historicismo ou, em outros termos, aqueles geógrafos deterministas, possibilistas, culturais e regionais. Mas onde o conceito de espaço onde se situa na Geografia tradicional? O espaço, em realidade, não se constitui conceito chave na Geografia Tradicional. Contudo, está presente na obra de Ratzel e de Hartshorne, ainda que, como no caso do segundo, de modo implícito.

CONCLUSÃO

Em linhas gerais, são esses os princípios básicos que regeram a Geografia Tradicional que teve como fundamento o Positivismo.



RESUMO

Positivismo é uma concepção filosófica e metodológica, e foi por meio dessa corrente de pensamento que a Geografia deixou a Idade Clássica, e ingressou na Era Moderna, que trouxe um novo discurso para a Geografia, exigindo um saber sistematizado e a possibilidade de afirmar proposições a partir de um certo grau de precisão, nos limites de uma linguagem lógica. Foi nesse palco que os geógrafos ergueram os pilares da Geografia Tradicional. Os intelectuais vinculados às correntes, determinismo ambiental, possibilismo e o método regional intentaram as primeiras tentativas de generalização feitas pelos geógrafos do período moderno.

Vamos apenas lembrar as principais características da Geografia Positivista: redução da realidade ao mundo dos sentidos, existência de um único método de interpretação, comum a todas as ciências, a Geografia é uma ciência de síntese.

O pensamento geográfico também se sustentou à custa de alguns princípios elaborados no processo de constituição dessa disciplina, e tidos como inquestionáveis, são eles: princípio da unidade terrestre - a princípio da individualidade, princípio da atividade, princípio da conexão, princípio da comparação e princípio da extensão.

ATIVIDADES

1. Cite as principais características da Geografia Tradicional.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Essa pergunta pode ser respondida a partir da releitura dessa aula. As principais características da Geografia Tradicional foram claramente destacadas no texto.

PRÓXIMA AULA

Vamos discutir uma das correntes de pensamento da Geografia Tradicional: o Determinismo.

AUTO-AVALIAÇÃO

Agora que você terminou a sua leitura, indique o nível de compreensão deste texto:

- Excelente (...)
- Bom (...)
- Regular (...)
- Ruim (...)

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Ática, 1987.
- CAPEL, Horacio. **Filosofia y ciencia em la geografía contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1988.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).
- GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia**: pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1986.
- REALI, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: do Romantismo até os nossos dias. São Paulo: Paulus, (Coleção Filosofia) v. 3. 1991.



